

O Alienista: um olhar machadiano sobre a modernidade

Resumo: Conto de 1882, O Alienista é um dos escritos mais famosos de Machado de Assis. A década que viu nascer a historietta do fictício Dr. Bacamarte marcou a história do país com os adventos da Abolição (1888) e da República (1889), no contexto de um acelerado período de modernização. Uma sociedade laicizada, com maior abertura do ponto de vista político e livre do estigma da escravidão deveria emergir. O esforço de reconstrução e afirmação nacionais encontrava no domínio das ideias, articulado ao cientificismo, um ramo fundamental de propostas modernizantes. Podemos perceber, e este trabalho tem por objetivo discutir, através de O Alienista, as desconfianças e o olhar crítico machadiano diante de processos e discursos de modernização oitocentistas, ou, de forma mais específica, diante do cientificismo, não raro autoritário e excludente, em voga entre as elites modernizantes brasileiras em fins do século XIX.

Palavras-chave: Machado de Assis, O Alienista, Modernidade, Intelectuais, História e literatura, História do Brasil.

El Alienista: una mirada de Machado de Assis sobre la modernidad

Resumen: El Alienista (1882) es una de las más famosas obras de Machado de Assis, cuyo personaje principal es un científico provincial llamado "Doctor Bacamarte". La segunda mitad del siglo XIX estuvo marcada en Brasil por la Abolición de la Esclavitud (1888), la proclamación del régimen republicano (1889) y el inicio de un proceso acelerado de modernización. Una sociedad secularizada, con mayor apertura política y sin el estigma de la esclavitud era la que debería surgir. El esfuerzo de reconstrucción y afirmación nacional encuentran en el campo de las ideas, articulado al cientificismo, una rama de las propuestas fundamentales de la modernización. Nos damos cuenta, y este trabajo tiene como objetivo discutir, a través de El Alienista, las sospechas y la mirada crítica de Machado de Assis sobre los procesos y discursos de modernización del siglo XIX, o, más específicamente, sobre el cientificismo, a menudo autoritario y excluyente, en boga entre las élites que dirigían la modernización de Brasil a finales del siglo XIX.

Palabras clave: Machado de Assis, El alienista, Modernidad, Intelectuales, Historia y literatura, Historia del Brasil.

The Alienist: A View of Machado de Assis about Modernity

Abstract: Published in 1882, O Alienista is one of Machado de Assis's most famous stories, having "Doctor Bacamarte" as its main character. The late 1880's is known in Brazil for the Abolition of Slavery (1888), the beginning of the Republican Regime (1889) and the beginning of an accelerated modernization process. A laic society, with more political overture and free from the stigma of slavery should emerge. A major effort to rebuild and to affirm a new national identity would have to be made by Brazilian intellectuals. On the context of this effort, the incorporation of new scientific ideas and ideals played a strategic role. By analyzing O Alienista by Machado de Assis, this article intends to discuss how the author expresses his criticism and mistrusts about nineteenth century modernity and scientific reformulations, and more specifically, about Brazilian modernization process being carried out by the elites in an often authoritarian and excluding manner.

Keywords: Machado de Assis, O Alienista, Modernity, Intellectuals, History and Literature, Brazilian History.

Fecha de recepción: 18 de agosto de 2013

Fecha de aprobación: 24 de octubre de 2013



Ana Carolina Huguenin Pereira: Maestra y Doctora en Historia por la Universidade Federal Fluminense (UFF). Profesora Adjunta al Departamento de Ciências Humanas (DCH) de la Faculdade de Formação de Professores (FFP) de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). El artículo presentado en su Tesis de Doctorado "Da Casa Verde ao Subsolo: Machado de Assis e Dostoiévski entre modernidade e tradição", concluida em 2011. La Tesis fue parcialmente financiada por la CAPES y por el CNPq.

Correo electrónico: carolhuguenin@yahoo.com.br

O Alienista: um olhar machadiano sobre a modernidade

Ana Carolina Huguenin Pereira

1 “A ciência é coisa séria”

Composto no conturbado fim de século brasileiro –mais especificamente em 1882, embora a trama se passe no Brasil colonial, *O Alienista* é um dos escritos mais conhecidos daquele que já era então um grande nome da literatura nacional.¹ O período é marcado, mundo afora, pela expansão da ciência, do capital e, de forma não menos significativa, da influência cultural europeia. O Velho Continente, no âmbito da Segunda Revolução Industrial, incorporara a África e a Ásia a impérios intercontinentais e a um mercado mundial em vertiginosa expansão. A América Latina, recém independente das ex-potências ibéricas – obsoletas diante do “admirável mundo novo” que revolucionara as formas de produzir e de pensar – era herdeira e continuadora da tradição católica, patriarcal e escravista legada pelos antigos colonizadores; herança em relação à qual lutaria para, e seria pressionada no sentido de, desembaraçar-se, ao menos parcialmente. Apesar de não diretamente arrebatada pela fúria expansionista que dividira e incorporara, rapidamente, territórios inteiros, notadamente asiáticos e africanos, aos impérios europeus, a região sofreria o assédio irresistível –e irreversível– da cultura e do capital estrangeiros, na forma de investimentos e empréstimos, além da disseminação de ideias, discursos, padrões estéticos, científicos e civilizacionais, inaugurados e desenvolvidos com advento histórico da modernidade.²

1. Machado de Assis (1839-1908) nasceu pobre, mulato e descendente de escravos, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. O autor fez trajetória árdua, improvável (nos quadros de uma sociedade escravista) e ascendente, de menino pobre a jovem aprendiz de tipógrafo, e finalmente a consagrado publicista, contista e romancista. Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (1897), Machado de Assis estabeleceu-se, ainda em vida, como grande nome da literatura brasileira. Entre seus romances mais célebres, podemos citar *A Mão e a Luva* (1874), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

2. Em 1880, dois anos antes do surgimento de *O Alienista*, o naturalista brasileiro, filiado ao materialismo científico, Aluísio Azevedo comentara: “[...] éramos, às forças das circunstâncias, arrebatados, malgrado o nosso patriotismo e nossa dignidade nacional, pela corrente elétrica de idéias que jorra na França”. Citado em Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003) 98.

É imbuído da mais elevada missão científica que a personagem Simão Bacamarte procura, em *O Alienista* (1882), descobrir o “remédio universal”³ capaz de restituir ao povo de Itaguaí e à humanidade “o perfeito equilíbrio das faculdades mentais”.⁴

Em determinado momento da saga do Dr. Bacamarte, o leitor é alertado para o fato, a princípio óbvio, de que Itaguaí colonial não é Paris. Mas o espaço e o tempo não constituíam limites aos experimentos universalizantes do cientista, arabista, sumidade acadêmica doutorada em Coimbra. Tampouco as paixões humanas perturbavam o espírito isento do homem de ciência itaguaiense. Ao alienista –um “homem de ciência e só ciência, nada o consternava fora da ciência”⁵– são atribuídas características como impavidez, olhar duro, liso, metálico e eterno.⁶ Eterno como as descobertas universais e verdades atemporais que teria a proclamar –tratava-se, afinal, de descobrir um “remédio universal” de Itaguaí para o restante do mundo.

O estudioso, “frio como um diagnóstico”, um “deus de pedra” movido exclusivamente pela “rigidez científica”,⁷ reviraria pelo avesso, com teorias e métodos inovadores, incompreensíveis ao “vulgo” provinciano, o cotidiano itaguaiense, a ponto de provocar, entre outras reviravoltas, a “grande” rebelião dos Canjicas.

Um barbeiro, de gloriosa alcunha Canjica, lideraria a população rebelada contra o “despotismo científico do alienista,” idealizador e comandante da “bastilha da razão humana” (a Casa Verde, hospício onde Bacamarte encerrava os supostos loucos). A expressão tão eloqüente – “bastilha da razão humana” – fora ouvida “de um poeta local” pelo prosaico barbeiro, que a apropriou como mote de defesa à liberdade e à cidadania. Na província colonial ressoam ecos da Revolução Francesa, “dada a diferença de Paris a Itaguaí”, os rebeldes “podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha”.⁸ A um evento histórico de relevância e efeitos mundiais, contrasta-se, de forma ridicularizante, a rebelião dos Canjicas, sombra pálida que não conseguiria revolucionar, sequer, Itaguaí.

Enquanto os furiosos canjicas (“300 cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero”)⁹ concentravam-se à sua porta, “exigindo a morte do tirano”, o alienista, pleno de concentração e serenidade, relia Averróis em seu escritório, e “os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixava do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais”.¹⁰

3. Machado de Assis, “O Alienista”, *50 contos de Machado de Assis* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) 41.

4. Assis 48.

5. Assis 46.

6. Em momento de atrito conjugal, quando a esposa lhe exigia maior atenção, o olhar do médico é descrito da seguinte forma: “E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fonte quieta como a água de Botafogo”. Assis 44

7. Assis 54.

8. Assis 59.

9. Assis 60.

10. Assis 59.

“Você não ouve estes gritos”? Perguntava D. Evarista, a esposa de Bacamarte, descrita, em sua ambivalência humana e, mais especificamente, feminina, como uma “mistura de onça e rola”.¹¹

Mas a aflição da mulher não alteraria a confiança da autoridade científica: diante da turba enraivecida, que exigia a derrubada da Casa Verde, a “liberdade às vítimas do vosso ódio, capricho” e, finalmente, a morte do “tirano” o sábio não estremeceu:

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão; era a contração leve de dois ou três músculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. [...] Poderia convidar alguns de vós, em comissão com outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-voz razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.¹²

A atitude desdenhosa em relação ao povo, aos leigos de Itaguaí, afirma, sem hesitação, a autoridade científica. O “grande homem”, o cientista universal e tupiniquim, não daria satisfações a 300 cabeças rutilantes de (suposta) ignorância popular. Seu impávido sorriso, como a razão de “seu sistema,” não seriam perceptíveis à multidão. Pessoas que tinham as vidas diretamente afetadas pelas hipóteses, metodologias, projetos e experimentos do alienista, deveriam calar-se, deixar de exaltações questionadoras e rumar, como objetos passivos do conhecimento científico, para casa – possivelmente a de cor verde.

Só perante os mestres, os iniciados, os confrades da ciência, co-investidos do novo e revolucionário conhecimento, tão longe de Itaguaí e tão ligados à Europa, nosso herói se explicaria; afora eles, apenas Deus seria merecedor de suas justificativas.

Simão Bacamarte, de *O Alienista*, pode ser apontado como encarnação literária (satírica) do discurso científico, disseminado e difundido pela Europa oitocentista e apropriado pela elite culta nacional. A personagem, em sua trajetória ruínosa e cômica, figura – entre outras, marcantes em diversos contos e romances machadinos – como um exemplo do olhar crítico do autor sobre cientificização no mundo moderno e no Brasil em particular. Racialismo, darwinismo social, voluntarismo teórico e metodológico (margeando o grotesco e a loucura), com base em vocábulos e conceitos do discurso científico são encarnados em personagens como Quincas Borba (dos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* – 1881 – e *Quincas Borba* – 1891); em Brás Cubas; nos filósofos Stroibus e Pítias, que tomam sangue de ratos, suas cobaías, no afã de comprovar hipótese segundo a qual seres humanos e animais compartilhariam características essenciais (*Conto Alexandrino* – 1883); ou ainda no militar aposentado Mendonça e em Cônego Vargas (dos contos *O Capitão Mendonça* – 1870 – e *A Sereníssima República* – 1882, respectivamente). Dentre

11. Assis 54.

12. Assis 61.

uma rica profusão de personagens e possibilidades, o presente trabalho recorta, dentro de limites relativamente restritos, próprios a um artigo acadêmico, um dos contos mais consagrados da obra machadiana, procurando ressaltar a fina ironia, típica do autor, ao narrar o esforço, em última análise inútil e destrutivo, do homem de ciência provinciano Simão Bacamarte.

2 Picaretas parisienses, picaretas itaguaienses

No Brasil, a década anterior à elaboração do *Alienista*, os anos 1870, foi marcada pela *Lei do Vinte Livre* (1871) – medida limitada e parcial, mas de grande repercussão, sinalizando o início do fim do sistema escravista¹³ – e por uma intelectualidade engajada nas causas abolicionista e republicana, ou envolvida, como queria Sílvio Romero, por um “bando de idéias novas”¹⁴ – renovados ideais políticos, institucionais e científicos (marcados, no Brasil, por adesões a doutrinas do materialismo cientificista),¹⁵ cujo berço era a Europa, ou a modernidade que vinha de parte do continente e que se espalhava pelo mundo, chocando-se e interagindo com contextos políticos e culturais os mais diversos.

Em linguagem cientificista, originada no Velho Mundo, autores preocupados com a identidade e o “desenvolvimento” nacionais, como Sílvio Romero, descreveram a herança histórica e cultural brasileira como problemáticas, e o futuro, a menos que fosse estabelecido “algo firme e constante nas ciências” e, pari passo, na marcha linear em direção à “civilização”, incerto. É o que podemos perceber, por exemplo, em *Introdução à História da Literatura Brasileira*, de 1882, ensaio contemporâneo ao *Alienista*:

Em 1500 [Portugal] apresenta-se opulento, trabalha na evolução geral da humanidade; dita aí sua palavra, recolhe-se e cai. O Brasil não chegou a fruir as vantagens da grandeza de seus pais [...]. Este fato retardou-lhe a marcha. [...]

Os colonos portugueses para aqui transportados vinham de posse de uma cultura adiantada. Por que motivo, pois, não dirigiram a colonização mais sabiamente, aproveitando os índios [...]? Duas causas oferecem a explicação: a índole do caboclo refrataria à cultura, e a imperícia do governo na metrópole. Sabe-se que de João 3º em diante a nação começou a perder os largos estímulos, o povo a definhar, o jesuitismo e a carolice a erguer o colo.¹⁶

13. Segundo J. Gledson, “a mudança [advinda da Lei do Vinte Livre] foi profunda e, em certo sentido, até repentina e chocante [...], mas também foi, em ampla medida, *mental*, uma mudança de atitude mais que de fato, de imaginação mais do que de situação concreta”. Ver John Gledson, *Machado de Assis: ficção e história* (São Paulo: Paz e Terra, 2003) 76-77.

14. Entre os intelectuais que marcariam a geração filiada às, e difusoras das, “novas idéias”, podemos citar, além de Sílvio Romero, Capistrano de Abreu, Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua e Graça Aranha. Sobre a intelectualidade brasileira dos anos 1870, ver Angela Alonso, *Idéias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil Império* (São Paulo: Paz e Terra, 2002).

15. Sobre a adesão dos intelectuais republicanos a modalidades de pensamento originadas da Europa – como o evolucionismo, o positivismo e o naturalismo, ver Sevcenko, *Literatura como missão*; e Lília M. Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993).

16. Sílvio Romero, *Literatura, história e crítica* (Rio de Janeiro: Imago, 2002) 144.

Colonizado no tempo inadequado pela metrópole inadequada –defasada em termos civilizacionais, envolta em “carolices” e outros preconceitos–, o povo supostamente inadequado –caboclos refratários à cultura– teria sua “marcha retardada”. Superposição de erros e idiosincrasias e ironias históricas, que deveriam ser concertadas na evolução em direção ao “progresso”.

O texto de Sílvio Romero segue afirmando sua filosofia da história:

O inconsciente da história venceu-os [os jesuítas, que, segundo o autor, cobiçariam um império exclusivo, erguido sobre as costas dos índios e em preterimento aos negros]; na luta pela existência o português suplantou o caboclo e o jesuíta. O negro serviu-lhe de arma e apoio; tal o seu grande título histórico no Novo Mundo. Ao português devemos a colonização por uma raça européia, seu sangue e suas idéias, que nos prende ao grande grupo de povos da civilização ocidental.¹⁷

Suplantando o “caboclo refratário à cultura” e o maquiavelismo jesuíta, os portugueses teriam, ao menos, salvado a nação ao garantir-lhe um lugar na civilização ocidental, junto à “raça” e ao “sangue” europeus; e isso com o apoio do negro, cuja contribuição histórica, ou “título histórico no Novo Mundo”, teria sido ajudar os escravizadores no sentido de que as desgraças brasileiras do “atraso” e da “barbárie” não fossem tão achapantes. Afinal, as supostas sementes da raça e do desenvolvimento europeus teriam prevalecido, com a suplantação de religiosos e nativos. Superação natural, já os “mais aptos” na “luta pela sobrevivência” teriam necessariamente de fazer face às leis do “inconsciente da história” e triunfar.

Na visão biologizante da história, influenciada por autores como H. Spencer, A. Gobineau e H. Taine, Sílvio Romero consideraria que nossos colonizadores de sangue europeu não eram, entretanto, os mais “aptos” entre os povos do Velho Mundo: “Pertencente, porém, ao grêmio dos povos neolatinos trouxe-nos [o português] também seus prejuízos monárquicos e religiosos, seu aferro à rotina e outros males crônicos que lavram a alma daqueles povos”.¹⁸ Em contraste “às robustas gentes do norte, tendo à sua frente ingleses e alemães, está reservado o papel histórico, já vinte vezes cumprido, de tonificar de sangue e idéias os povos latinos do meio-dia”.¹⁹

Por isso o Brasil teria sido, mais uma vez, infeliz ao expulsar invasores holandeses, isentos do “sangue latino”, e que muito poderiam ter contribuído para livrar-nos dos “males crônicos” monárquicos, religiosos e refratários a mudanças do “neo-latinismo” de origem lusa:

Não resta a menor dúvida de que a vitória dos holandeses traria como resultado por essa porção do continente em contato mais direto com os povos germânicos, os mais progressivos dos

17. Romero 145.

18. Romero 145.

19. Romero 187.

tempos modernos. A humanidade em geral teria mais a lucrar, e em vez de uma quase China americana, seríamos hoje os *Estados Unidos do Sul*.²⁰

China americana – contexto cultural, em solidez milenar, “defasado” em relação à modernidade; dominação e humilhações impostas por potências estrangeiras. Deste destino o Brasil deveria esquivar-se, fazendo render ao máximo o pouco que, segundo Romero, o diferenciaria da China – afinal, “ao português devemos a colonização por uma raça européia, que nos prende à civilização ocidental”. Isto nos distinguiria, para nossa presumida felicidade, de nações asiáticas e africanas. Mas seria preciso desembaraçar-se dos “prejuízos monárquicos, religiosos e outros males crônicos” legados pelos “povos do meio-dia”, e nos colocar na ordem do dia com “os povos mais progressivos dos tempos modernos”. Na “luta pela sobrevivência”, princípio essencial do “inconsciente da história”, era ao lado do progresso moderno e triunfante que o país deveria figurar. Afinal, é ao lado dos vencedores que se encontram “as batatas”. Aos “Estados Unidos do Sul,” ou do Norte – um Novo Mundo up to date com a modernidade oitocentista, onde o trabalho já era livre (embora, como na Europa, de forma alguma purgado da exploração, racismo e iniquidade social) e o desenvolvimento econômico acelerado –, as “batatas”; à China, a derrota, a perda das “batatas” e da autonomia.

Afastar-se dos “maus hábitos” culturais herdados dos colonizadores, mas não dos genes supostamente redentores ligados à “raça” e ao “sangue” europeus, seria tarefa imprescindível e urgente. Para levá-la a cabo, livrando a ex-colônia de entaves tradicionais, rompendo com o “aferro à rotina”, no caso, com um sistema político e social que dava sinais de esgotamento e inadequação, “homens novos”, portadores de “novas idéias”, ou uma “nova geração”, tomada por “um bando de idéias novas”, deveria entrar em cena no Brasil da segunda metade dos oitocentos e inícios dos novecentos.

No que tange à “luta pela existência”, cercada por preceitos racialistas e pelo darwinismo social, “transportados” estes da Europa imperialista e adaptados ao Brasil do Ventre Livre e da Abolição (1888), Machado de Assis não deixou de lançar críticas, a seu estilo próprio: pontuado de ironia, mordacidade e desconfiança. Em um país de tradição escravista e colonial, patriarcal e clientelista, seria fundamental, às elites senhoriais, reafirmar e garantir seu papel dominante, ainda que sob um contexto de redefinições modernizantes. Assim, que os cativos fossem libertos, mas que a superioridade do “sangue” e da “raça” de origens europeias fossem (re) afirmados com a chancela do discurso de autoridade no mundo moderno: o discurso científico. O historiador Sidney Chalhoub, no texto *Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis*, argumenta neste sentido, isto é, de que a apropriação do discurso científico, no Brasil, esteve ligada, entre outros fatores, a uma forma de substituição, por parte da elite senhorial, do poder que lhe escapava frente a propostas e avanços aboli-

20. Romero 211.

cionistas. Machado de Assis abordou tais questões e deixou, através de elaborações literárias, importantes registros históricos: em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), por exemplo, Brás buscava equacionar o domínio escravista e a moderna onda científica, no sentido de sustentar e reproduzir tradicionais desigualdades sociais.²¹

É reconhecido o fato de que os discursos articulam-se das formas mais complexas com o contexto histórico. No caso, marcado por aceleradas mudanças e crises de referências políticas, econômicas e sociais no país, e, de modos específicos a cada sociedade, em boa parte das regiões do mundo sob as investidas e as influências européias – além, é claro, da própria Europa. Uma frente intelectual e política, muito representada na geração de intelectuais dos anos 1870, ganharia visibilidade, atacando pilares ideológicos e materiais sobre os quais se assentavam o império – a monarquia, a hierarquia religiosa, a escravidão e o indianismo romântico. Embora, ressalve-se, estivesse longe dos interesses da elite modernizadora a democratização social, fato que contribuiria para o surgimento de uma modernização excludente e autoritária.

Num momento de incertezas e crises, uma sociedade laicizada, com maior abertura do ponto de vista político e livre do estigma da escravidão deveria emergir. O esforço de reconstrução e afirmação nacionais encontra no domínio das idéias, articulado ao cientificismo, um ramo fundamental de propostas modernizantes. O conjunto de textos produzidos no período relaciona-se, em termos teóricos e práticos, aos contextos internacional e nacional e aos novos desafios e redefinições que a ambos marcavam.

Ângela Alonso, ao considerar a crise do Brasil Império e as atividades das elites reformadoras oitocentistas, defende que conceitos e idéias estrangeiros eram tomados, aplicados e recriados por indivíduos que atuavam não apenas no plano intelectual/formal, mas que eram, eles próprios, importantes agentes sociais. Tais apropriações cumpriam o papel de contribuir como “subsídios para compreender a situação que vivenciavam e desvendar linhas mais eficazes de ação política”.²² A situação vivenciada era marcada por mudanças, iminentes e em curso, por projetos intelectuais em disputa no sentido de substituir instituições progressivamente decadentes e reformular a sociedade, sem incorrer nos riscos de grandes levantes populares ou distúrbios sociais. Que os escravos fossem libertos, mas devidamente contidos em eventuais terrenos de combate, influência e intervenção política; que privilégios não fossem extintos ou sequer mudassem, muitas vezes, de mãos, mas que uma nova estrutura ideológica e política se esboçasse.

21. Ver Sidney Chalhoub, “Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis”. Sidney Chalhoub y otros, *Artes e ofícios de curar no Brasil* (Campinas: Editora da UNICAMP, 2003) 19-55. Ver também, do mesmo autor, *Machado de Assis historiador* (São Paulo: Companhia. das Letras, 2003). Sobre a temática, presente na obra de Machado de Assis, da apropriação de discursos e ideais europeus no Brasil (entre os mesmos aqueles ligados à ciência) ou sua adaptação às tradições escravistas e paternalistas que vigoraram no país, ver Roberto Schwarz, *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Ed. 34, 2000) e, do mesmo autor, *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (São Paulo: Ed. 34, 2000).

22. Alonso 39.

A década que viu nascer – intervindo ativamente na concepção e no parto – o texto de Silvio Romero, e, na contramão, a historieta do Dr. Bacamarte, marcou a história do país com os adventos da Abolição (1888) e da República (1889), semente e fruto de um período acelerado de modernização.²³ A percepção de que a modernidade batia, ultrapassava, e pressionava as portas do país tornava urgente o esforço de uma metamorfose no sentido de assumir feições de “Estados Unidos do Sul”; ou, se não isso, ao menos que a capital federal da “quase China” assumisse importância enquanto capital “civilizada,” enquanto “Paris dos trópicos”.

O século XX encontraria o Rio de Janeiro, onde Machado iniciou, desenvolveu e finalizou seu percurso de vida –biológico, intelectual e literário– imbuído em um esforço violento (violência que atingira mais diretamente e sobretudo as camadas populares) de “Regeneração”, como ficou conhecido o período. A cidade antiga, ex-capital da colônia e do Império, deveria desaparecer, cedendo espaço a um centro moderno e cosmopolita –uma “Paris dos trópicos” devidamente “regenerada” da “defasagem” –social, material, política, ideológica– em relação ao grande centro cultural europeu, tomado enquanto parâmetro pela elite tropical. Vinte anos após a narrativa da fracassada trajetória do Dr. Bacamarte, as “picaretas regeneradoras,”²⁴ altivas e, ao que pareciam, definitivamente vitoriosas do prefeito Pereira Passos, botariam abaixo “a cidade colonial imunda, retrógrada, emperrada nas velhas tradições”, para celebrar “a vitória do bom gosto, da higiene e da arte”²⁵ –segundo parâmetros modernos.

O ano era 1904 e Olavo Bilac, junto a outros membros da elite cultural e social carioca, bendizia a fúria regeneradora das picaretas, que “vingavam” a capital de seu próprio passado, destruindo-a, para reconstruí-la, sem a mácula do “atraso”, da “sujeira”, das vielas e construções coloniais. Os entusiastas do “progresso”, cheios de esperança e excitação, contemplavam as largas avenidas –do futuro, do cosmopolitismo, do progresso e da ordem– que se abriam para e pela cidade. Foi o ano de abertura da Avenida Central, inspirada nos modernos boulevards parisienses e na tradicional violência brasileira (mas não apenas brasileira) em relação ao próprio povo, (mal) tratando as camadas populares como um subproduto indesejável e vergonhoso, o “resto” deplorável da “cidade colonial imunda, retrógrada, emperrada

23. No ensaio crítico “A nova geração”, de 1879, Machado de Assis polemizou com a “nova geração poética [de 1870], [...] viçosa e galharda, e cheia de fervor e convicção”, para a qual “o desenvolvimento das ciências modernas [...] despovoara o céu” oferecendo-lhe “diferente noção das coisas”, como a rejeição ao romantismo indianista e a valorização do naturalismo. A obra de Silvio Romero (exponente, como nos referimos, entre os “novos” intelectuais) foi diretamente citada e criticada no ensaio machadiano Machado de Assis, “A nova geração”, em Assis, M. *Obra Completa*, vol. III, (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994). Passados quase vinte anos, Romero lançaria seu “estudo” sobre a obra machadiana, qualificando-a como “obra de mestiço” – um mestiço a quem faltaríamos as “virtudes nacionais” supostamente presentes em Tobias Barreto. Atributos como extravagância, pessimismo (em contraposição ao “otimismo triunfante” da “nova geração”, ironizado em personagens como Quincas Borba e Simão Bacamarte) e “gagueira literária” são apontados, deplorados, e relacionados – em um estudo pretensamente comprometido com o “meio” (social, educacional e fisiológico) – à “moléstia da cor” da qual sofreria Machado —“esse mal não definido ainda e [que] deve ser uma espécie nostalgia da alvura”. Silvio Romero, *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira* (Campinas: Ed. UNICAMP, 1992) 189. Sobre o cenário cultural, as divergências intelectuais e literárias no Brasil oitocentista, incluindo a polêmica que envolveu Romero e Machado, ver Ventura. R. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. (São Paulo: Cia das Letras, 1988).

24. A expressão é de Olavo Bilac, citado em Sevcenko 44.

25. Sevcenko 44.

nas velhas tradições”, e uma presença incompatível com “a vitória do bom gosto, da higiene e da arte”. Este “resto” e testemunha insistente do passado, deveria ser expulso, removido para a periferia e os morros da cidade.

Foi também em 1904 que o “bruxo do Cosme Velho” publicou *Esaú e Jacó*, voz dissonante, mordaz e lacônica em relação ao entusiasmado ingresso do Brasil na Belle Époque republicana, ao lembrar e apresentar, por exemplo, a mudança do regime político como um evento, longe de heróico ou revolucionário, alienado em relação a, e alienante da, realidade social, cultural e política da imensa maioria da população.²⁶

Uma imensidão de pessoas que se multiplicou nos anos iniciais do século XX²⁷ e que, submetida a precárias condições de vida (ou à absoluta falta delas), resistia em meio ao pó levantado pelo “botar abaixo” do “opróbrio” colonial.

Se “do pó viestes e ao pó retornarás,” as “picaretas regeneradoras”, imbuídas da missão de destruir a paisagem e a ordem tradicionais, forçando o ingresso da capital federal no êxtase da modernidade oitocentista, não se dobrariam à máxima fatalista da velha Bíblia. Do pó a nova cidade renasceria, a pó a modernização procurava reduzir vestígios físicos do passado colonial; mas ao pó não haveria retorno, de acordo com as esperanças e vislumbres das elites sedentas de “civilização”. Por caminhos empoeirados deveriam ser abertos novos rumos, que conduzissem a um futuro digno, segundo se considerava, desta denominação. O voluntarismo e o desmando senhoriais não desapareciam, mas cederiam espaço a uma violência comparável e a um voluntarismo mais ousado e ambicioso, incorporado no projeto moderno de “homens novos”, depositários das “novas idéias”. Para tanto, os recursos a desabrida brutalidade contra os “humilhados e ofendidos”, ainda que abolida a escravidão, foram acessados sem maiores hesitações ou constrangimentos. Diante, por exemplo, da crescente mendicância na cidade do Rio de Janeiro, a autoridade policial não hesitaria em agir, perseguindo e alienando, literalmente, os deserdados que “maculavam”, como feridas expostas e, segundo se esperava, removíveis, as ruas “civilizadas” da “Paris dos trópicos”. Estes eram devidamente recolhidos no abarrotado “Asilo da Mendicidade,” insuficiente para conter o enorme contingente de famintos e desesperados de nossa *Belle Époque*.²⁸

26. Ver Machado de Assis, *Esaú e Jacó; Memorial de Aires* (São Paulo: Nova Cultural, 2003)

27. Segundo dados apurados por Nicolau Sevckenko, no curto período de uma década, entre os anos 1890 e 1900, a população carioca apresentaria o crescimento de 32,3%. Ver Sevckenko 72-73.

28. Entre abundantes citações de cronistas do período, publicadas em periódicos como o *Jornal do Comércio* e a *Revista Careta*, Nicolau Sevckenko elenca os seguintes trechos, extremamente ilustrativos do contexto de perseguição e exclusão social, inscritos no âmbito de uma modernização autoritária e brutal: “A civilização abomina justamente o mendigo. Ele macula com seus farrapos e suas chagas o asseio impecável das ruas, a imponências das praças, o asseio dos monumentos”; Ou ainda: “Se isso continua [a mendicância], a polícia, obedecendo à sua intenção benemérita, ver-se-á obrigada a meter o continente no conteúdo: a cidade dentro do asilo”. Ver Sevckenko 85. É irônico pensarmos como Bacamarte, também em nome da ciência e da civilização, e preocupado não com o “asseio impecável” das ruas, praças e monumentos, mas, de forma muitíssimo mais ambiciosa, com o “asseio impecável” da própria mente humana, terminaria por alienar Itaguaí inteira na Casa Verde, trancafiando o “conteúdo no continente, a cidade dentro do asilo”.

O desespero social é revelado, inclusive, segundo dados apurados por Nicolau Sevcenko, pelo crescimento alarmante de internos no Hospício Nacional.²⁹ Pedintes, enlouquecidos, prostituídos e miseráveis, a horda de excluídos seria, como vínhamos apontando, não apenas recolhida em asilos ou (mal) abrigada no hospício, mas expulsa das áreas centrais da cidade –devidamente “higienizadas” da “imundice” das velhas tradições e da insistente miséria populares– tendo, ainda, as próprias casas invadidas, literalmente, pela autoridade científica, devidamente acompanhada da força policial, e empenhada em erradicar as doenças tropicais. Doenças inexistentes em Paris, mas entranhadas nos corpos, hábitos e condições de vida dos “humilhados e ofendidos” do Rio de Janeiro.

A ordem e o progresso, para as elites modernizantes, eram “coisa séria, e merece[riam] ser tratados com seriedade”. Pereira Passos não daria “razão dos seus atos [de prefeito reformador]” a “leigos e rebeldes” das camadas populares.

A autoridade, essencialmente moderna, das ciências biomédicas, higienizantes e sanitaristas, se arrogaria o direito de manipular os corpos maltrapilhos dos deserdados da Belle Époque como objetos científicos; e, caso algo residente e resistente dentro de tais objetos se manifestasse –a vontade, a indignação, o assombro e a desconfiança, por exemplo, ou o que o discurso religioso geralmente denomina alma–, lá estaria a força policial para aquietar os ânimos (e a alma) dos “leigos e rebeldes” que se recusassem a receber a vacina obrigatória. Afinal, e mais uma vez, “meus senhores, a ciência é coisa séria [...]. Não dou razão dos meus atos [de sanitarista] a ninguém” –e as pessoas é que fossem injetadas com um líquido misterioso, sem maiores esclarecimentos por parte das autoridades públicas, as quais não aceitariam “dar razão do meu sistema [modernizante e excludente] a leigos” contaminados e contagiosos. Contaminação perigosa e comprometedora da imagem do país era a varíola, a febre (amarela), e a peste (bubônica); o “atraso”, a “ignorância” e a “feiúra” –os trajes “vergonhosos,” e logo perseguidos, das mangas de camisa, por exemplo–³⁰ representados pelo próprio povo; um povo marcado por anos de escravidão, desmando, penúria, exclusão social e cultural.³¹

A aplicação autoritária dos benefícios modernizantes da ciência, sem dar “razões do sistema” republicano “a ninguém”, somada às condições precárias a que eram submetidas grandes parcelas população, resultaria no famoso motim da Revolta da Vacina Vinte e dois anos após rebelião popular itaguaiense contra o Dr. Bacamarte, a população carioca se levantaria contra o “sistema” –ou mais espe-

29. Entre 1889 e 1898 houve aumento de 1014% do número de internações no Hospício Nacional. Sevcenko, 86– 87. O período foi marcado pelo investimento nas ciências médicas, incluindo de forma essencial os estudos relativos à psiquiatria. O tratamento da (suposta ou real) loucura, não raro associado à pobreza, e conduzido de forma arbitrária e violenta, se disseminava, acompanhando a expansão e valorização do discurso e das práticas e médicas. Pelos critérios “científicos” do darwinismo social e dos “males psiquiátricos”, Machado de Assis seria duplamente alvo de estigmatização, por ser mulato e epilético. Sobre o discurso e práticas psiquiátricas no Rio de Janeiro, ver Magali Engel, *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)* (São Paulo: Brasiliense, 1989); e, da mesma autora, *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)* (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001).

30. No Rio de Janeiro, as mangas de camisa e os pés descalços seriam condenados por não serem compatíveis com estilo europeu de vestimenta, e apontados como marcas de “atraso”, “feiúra” e falta de asseio populares, os quais comprometeriam a imagem do país.

31. Sobre perseguições e preconceitos em relação à cultura popular no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX ver, entre outros Rachel Soihet, *A subversão pelo riso. Estudo sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas* (Rio de Janeiro: FGV, 1998).

cificamente, o projeto sanitário— do médico e cientista Dr. Oswaldo Cruz; isto é, contra o sistema modernizante e autoritário refletido nas ações e na própria iniciativa da reforma sanitária.³²

Violenta revolta, violenta reação por parte das autoridades. Ao fluxo de desespero popular, seguiu-se o refluxo “civilizador” de repressão brutal e retaliatória. Prisões, espancamentos e desterros. Os seguintes versos traduzem o sentimento daqueles que foram abandonados, removidos e finalmente triturados pela roda “regeneradora” da *Belle Époque* carioca: “Sou um triste brasileiro/ Vítima de perseguição/ Sou preso, sou condenado/ Por ser filho da nação. Dia 15 de novembro/ Antes do nascer do sol/ Vi toda a cavalaria de clavinote a tiracol./ As pobres mães choravam/ E gritavam por Jesus / O culpado disso tudo é o Dr. Oswaldo Cruz”.³³

Voltando ao Doutor fictício —que a criação literária não poderia elaborar caso não estivesse, de maneira mais ou menos direta, relacionada ao contexto e a possibilidades históricas do período³⁴— é interessante notar que no breve discurso de Bacamarte ao populacho, os mestres da ciência, estivessem eles na Europa ou em Itaguaí, figuram bem ao lado de Deus (“Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus”). É a Ele que o Doutor compara-se em termos de poder de cura, de sabedoria e de decisão sobre os destinos humanos. Está claro que os sistemas dos “mestres” e de Deus seriam de ordens diferentes, mas, em comum, pairariam, em tese, acima da sociedade, do tempo e do espaço, operando leis universais sem pedir ou prestar aos leigos, quer rebeldes, quer conformados, razões ou licenças. Afinal, a ciência, como a religião, seria “coisa séria, e merece[ria] ser tratada com seriedade”—leia-se, com fé e obediência.

É evidente que as intenções do Dr. Bacamarte, enquanto personagem literário e encarnação virulenta da ironia machadiana, são muitíssimo mais vastas, ambiciosas, e, em última análise, absurdas, que aquelas do Dr. Oswaldo Cruz. O primeiro visa operacionalizar um discurso universal(izante), cientificista, para remediar, não apenas o corpo doente, acometido por febres e varíola, atravessado por ratos e insetos que proliferavam nos cortiços, mas, antes, e muito mais ousadamente, a própria alma.

Diz o alienista que “a saúde da alma [...] [é] ocupação mais digna do médico”.³⁵ Aquilo que seria, até então, da alçada de Deus, e a decidir-se em outro mundo — o paraíso celeste; afinal, “Meu Reino [capaz de curar as “doenças da alma”] não é

32. Sobre a aplicação autoritária das políticas de saúde pública no Rio de Janeiro, os choques sociais e culturais entre autoridades médicas e a população, ver Sidney Chalhoub. *Cidade febril: conflitos e epidemias na Corte Imperial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

33. Citado em Sevcenko 94.

34. Antônio Cândido aponta a existência de um circuito dialético, por definição móvel, tenso e intercambiante, entre texto e contexto histórico, entre subjetividade criadora (em larga medida autônoma) e elementos espaciais e temporais, externos à, mas incorporados na, obra literária Antônio Cândido, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literárias* (São Paulo: Ed. Nacional, 1985). Tensões, projetos, críticas e projeções históricas aparecem na obra machadiana, que compuseram e marcaram o (sendo ao mesmo tempo marcadas pelo) contexto político e artístico do Brasil oitocentista. Sobre a relação entre história, sociedade e literatura em Machado de Assis, ver, por exemplo, os já mencionados Chalhoub, *Machado de Assis Historiador*; Gledson, *Machado de Assis: ficção e história*; e Schwarz, *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*.

35. Assis 39.

deste mundo”; ou no dia do Juízo Final –Bacamarte anteciparia e deslocaria: dos Céus aos mestres da Europa; dos mestres da Europa a Bacamarte, de Bacamarte a Itaguaí e de Itaguaí ao universo– “dada a diferença de Paris a Itaguaí,” ressalva-se.

Um dos primeiros mentecaptos recolhidos pelo alienista sofre, curiosamente, de monomania religiosa. O sujeito, “chamando-se João de Deus, dizia agora ser o Deus João e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno a outros”.³⁶

O “Deus João”, assim como os primeiros pacientes recolhidos na Casa Verde, era, reconhecidamente, como o senso comum reconhecia e a tradição consagrava, um sujeito delirante. Sua mania de grandeza deveria ser fruto de uma mente perturbada, de uma imaginação doentia. É seu destino terminar isolado, na solidão de um asilo, pela auto-presumida grandeza e superioridade. Em ironia feroz contra o cientificismo e o racionalismo do fim de século brasileiro, mirando em seus adeptos –caricaturados no próprio Bacamarte, um “doutor” de formação estrangeira, membro da elite provinciana– Machado de Assis reservará um destino semelhante a seu herói. Sem o resguardo de Deus ou a orientação dos mestres, tão distantes, ao que parece, de Itaguaí, Bacamarte terminará só na Casa Verde que ele mesmo idealizara e dirigira. O alienista, que não prestaria contas de “seu sistema” a ninguém, Simão Bacamarte de Deus, ao ensaiar tornar-se o Deus Simão Bacamarte, operando leis misteriosas –para os leigos– e prometendo a cura universal das perturbações mentais, tornar-se-ia, ele mesmo, o alienado.

Outro personagem machadiano a sofrer de monomania, ao buscar um remédio universal e científico não contra a loucura, mas contra outra “doença da alma” –a melancolia –é Brás Cubas. Membro da elite tradicional, ex-estudante de Coimbra (assim como o Dr. Bacamarte), Brás não acreditava ou procurava, a princípio, um futuro revolucionário para Itaguaí, para o Rio de Janeiro ou para o universo. No entanto, um momento de grandes esperanças e de enlevo monomaniacos, no melhor estilo Bacamarte, o assaltou ao fim da vida, quando

Um dia de manhã pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro [...] Essa invenção era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco destinado a aliviar nossa melancólica humanidade. [...] A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituirá-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa, antes um argueiro, antes uma trave no olho.³⁷

O “Emplasto Brás Cubas”, do Brasil para o mundo, seria o anti-depressivo universal, uma invenção revolucionária dos destinos da humanidade, apresentando-se como uma nova cura para um velho mal. É uma ideia sublime, convertida em ideia fixa, como as pretensões de Bacamarte de conquistar, via ciência, “a saúde da alma”.³⁸

36. Assis 43.

37. Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (São Paulo: Ed. FTD, 1992) 20.

38. Assis, *O alienista...* 39.

Porém, Brás não concretizaria suas esperanças científicas mais do que Bacamarte. Ambos ficariam entregues, não obstante, enquanto o tempo de vida os permitisse, a inventos e projetos tão sublimes quanto mal-sucedidos. Se Brás não conseguiria curar a melancolia, o alienista, “médico da alma”, não conseguiria curar a loucura. A ironia corrosiva monta o cenário do fracasso risível da cientificação em Machado de Assis, cuja obra vem desacreditar em grande medida as pretensões racionalistas modernizantes.

Cientista itaguaiense obcecado pela solução da loucura e herdeiro bon vivant do Rio de Janeiro, Bacamarte e Brás são autênticos, não obstante fictícios, apropriadores do discurso moderno e cientificizado, que parte da Europa e atinge o Brasil. A intelectualidade brasileira cindida entre o moderno e o tradicional, entre a modernização nos moldes europeus e o passado colonial, se apropria, critica, combina e recombina, recorta e transforma a(s) influência(s) moderna(s).

O autor dirige críticas não só aos modelos importados em si mesmos, mas a seus entusiastas e (re) adaptadores brasileiros –as elites intelectuais nacionais, com as quais iria polemizar em inúmeros momentos, de forma por vezes enviezada e muito marcada pela ironia. É o que podemos perceber através das trajetórias fracassadas do alienista que se revela alienado; do malogrado inventor do emplastro Brás Cubas; ou ainda do enlouquecido filósofo Quincas Borba, em sua formulação de Humanitas– uma paródia corrosiva do darwinismo social em voga nos oitocentos.³⁹

4 Itaguaí e o universo

Quando Bacamarte decide realizar estudo pioneiro a respeito da patologia cerebral, “não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria”. A conquista gloriosa da “saúde da alma, ocupação mais digna do médico,” deveria cobrir “a ciência lusitana, e particularmente, a brasileira [...] de ‘louros imarcescíveis.’”⁴⁰

A população colonial, diante de experimento tão inovador, demonstraria curiosidade e resistência, “tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus”.⁴¹ O narrador faz a observação no início do conto, antes mesmo da Casa Verde ser erguida, quando não passava de um projeto a ser aprovado pela “vereança de Itaguaí”.⁴² A resistência da população, daí por diante, com o aprofundamento das experiências científicas do alienista, só faria aumentar.

Mas toda a humanidade seria beneficiada, segundo supunha Bacamarte, tão logo os princípios universais da ciência fossem aplicados à alma –ou às “doenças” que a acometem. A correção dos “hábitos absurdos ou ainda maus” reinantes na província vai se intensificando, e fracassando, à medida que o médico aplica suas

39. Sobre a “filosofia” de Humanitas, ver Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*; Assis, *Quincas Borba* (São Paulo: Ed. Ática, 1995).

40. Assis, *O Alienista* 39.

41. Assis *O Alienista* 40.

42. Assis *O Alienista* 41.

teorias e tenta incutir na população as leis do bom senso— o “perfeito equilíbrio das faculdades mentais”.

A princípio, o cientista recolhia mentecaptos reconhecidos enquanto tais pela população, classificando metodicamente seus pacientes e objetos de pesquisa – os loucos por amor, os monomaniacos, os delirantes, mansos ou furiosos, “toda a família dos deserdados do espírito”.⁴³ Diante de tais métodos de estudo, que enchem de internos a Casa Verde, o vigário da cidade, encarnando o discurso tradicional, os “velhos hábitos” religiosos, se espanta. E, com argumentos bíblicos, questiona:

—Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar [a loucura] pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta e Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

—Essa pode ser, com certeza, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato.⁴⁴

Operando a partir da “cientificidade pura”, o alienista não confundiria as “línguas” científica e religiosa, na “torre de Babel” de um contexto tradicional —brasileiro, escravista, religioso, e, como Machado faz questão de ironizar, herdeiro da colonização, porém defrontado com a modernidade. O “mundo fechado”⁴⁵ modernizava-se diante dos olhos atentos e desconfiados do escritor, de forma ambivalente e específica, via elites europeizadas e, ao mesmo tempo, ligadas a práticas tradicionais (incluindo fundamentalmente o contexto escravista), portadoras e adaptadoras do discurso cientificizado (ou pseudo-cientificizado, como no caso das teoristas racialistas).

A “razão puramente científica” mencionada pelo personagem é tanto universal quanto universalizante, e aplicável, formalmente, a quaisquer tempos e espaços —a Itaguaí colonial ou a Paris. Na província universal itaguaiense, não obstante, o alienista não afrontaria de forma direta a religião, estando o vigário entre seus poucos

43. Assis, *O Alienista* 42. Sobre a devassa científica da vida e dos hábitos dos internos, o narrador afirma: “[...] o alienista procedeu uma vasta classificação de seus enfermos. Dividiu-os em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo apurado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes de infância e da mocidade, doença de outra espécie, antecedentes de família, uma devassa, enfim, como não o faria o mais atilado corregedor. E cada dia anotava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regime, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos [...]”. Assis, *O Alienista* 43-44.

44. Assis, *O Alienista* 42.

45. A expressão é de Alexander Koyré, que a emprega referindo-se a um conceito de mundo inatingido pelo impacto revolucionário dos métodos e linguagens científicos modernos. O “mundo fechado”, assentado em torno de limites finitos e organizados, remeter-se-ia à noção aristotélica de Cosmos, nos quadros da qual cada corpo existente, ocuparia, segundo características e valores hierárquicos específicos, os lugares devidos, ou “naturais”. Trata-se de âmbito essencialmente fechado, pois definível e limitado, de uma compreensão de mundo tradicional ligada à cosmologia antiga e medieval. A partir de um longo esforço de redefinição intelectual, genericamente denominado Revolução Científica, porém, abrir-se-ia caminho para a instauração de ampla gama de novos conhecimentos, no contexto sempre expansivo de um “universo infinito”, redefinidor do conhecimento e da história humanas. Alexander Koyré, *Du monde clos à l'univers infini* (Paris: Gallimard, 2007).

amigos. Mas “as explicações divinas do fenômeno” não serviriam enquanto parâmetro ou, ainda menos, limites, a seus métodos e práticas.

Se a ciência, como a religião cristã, não reconhece limites temporais ou espaciais, ela carrega em si, para além disso, a característica da permanente renovação e experimentação – ou, nas palavras de Bacamarte, “nem a ciência é outra coisa, [...] senão uma investigação constante”.⁴⁶ Para o vigário, os textos bíblicos e os dogmas da Igreja representariam referências eternas, imutáveis. O alienista, por sua vez, sempre imerso na “investigação constante”, acabaria por chegar a “uma nova teoria,” que dá título a uma das passagens do conto.

Em conversa com o prosaico boticário Crispim Soares – ironicamente, além do padre, um dos poucos “interlocutores” do solitário alienista –, Simão Bacamarte anuncia uma nova hipótese sobre a patologia cerebral:

[...] trata-se de uma experiência científica. Digo experiência porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas de uma experiência que irá mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.⁴⁷

A pretensão revolucionária do Dr. Bacamarte, capaz de “mudar a face da terra,” consiste em expandir o domínio de seu objeto, no caso, a “doença da alma”. Devassar o “oceano da razão”, para descobrir, explorar e dominar o “continente da loucura”, removendo-o das trevas do mistério, como uma nova América, para jogar sobre o mesmo as “Luzes” irradiadas da Europa. Assim, o alienista jogaria luz, na qualidade de propagador brasileiro da modernidade européia, sobre o desconhecido, sobre os limites, até então inexplorados, da mente e do comportamento humanos.

Com a nova hipótese, a experiência científica de Bacamarte ganharia maiores dimensões, seu objeto de estudo seria expandido e, conseqüentemente, suas “vítimas” (pacientes recolhidos à Casa Verde), só fariam aumentar. Perseguindo idiosincrasias –vícios, caprichos e toda sorte de comportamentos considerados irracionais, ou que estivessem, enfim, em desconformidade com o “perfeito equilíbrio da faculdades”, o médico termina por lotar o hospício e apavorar os objetos vivos de seus experimentos– seres humanos distantes da mentalidade e do centro irradiador da ciência, mas, além disso, e por definição, aquém (ou muito além) do ideal “puramente científico” aplicado a pessoas; essas não são ideais, tampouco fenômenos regulares como fórmulas matemáticas, seja em Itaguaí ou em Paris. Assim, a adequação do comportamento e mesmo da “alma” humanos a um determinado padrão civilizatório e científico, ditado pelo médico, falharia por completo.

Diante do anúncio da nova teoria, é mais uma vez o vigário quem, incorporando a voz da tradição, vem questionar as redefinições científicizadas:

46. Assis, *O Alienista* 47.

47. Assis, *O Alienista* 47.

O vigário Lopes, a quem ele [o alienista] confessara a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, e, se não era absurda, era de tão modo colossal que não merecia princípio de execução.

‘Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde acaba uma e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?’⁴⁸

Bacamarte busca, assim, uma redefinição que “transponha a cerca,” ultrapassando as “definições de sempre” no que se refere à doença ou à saúde “da alma”. Ousada (“colossal,” “revolucionária”) transposição que deveria trazer, segundo as esperanças do cientista, a cura universal de todas as formas de insânia. Para tanto, leis e métodos vinculados a um discurso novo, de linguagem e formulações próprias, seriam aplicados ao comportamento humano, de forma a melhor controlá-lo, observá-lo, objetivá-lo, encerrando-o entre as paredes de um hospício. O estudo sistemático do comportamento, colhido em amostras vivas na Casa Verde, compõe as pretensões “elevadas” do doutor itaguaiense. A nova teoria tomaria corpo em um sistema do qual o alienista só daria satisfação “aos mestres e a Deus” (mas certamente não ao sacerdote Lopes, ou aos seus fiéis populares), sistema que deveria curar, via ciência, com ou sem a compreensão e a concordância dos pacientes, imersos no mundo tradicional de Itaguaí, os seus “hábitos absurdos ou ainda maus”.

Inabalável às objeções do discurso tradicional, é da seguinte maneira que o cientista responde à dúvida –religiosa, nada metódica, nada “cartesiana”– do vigário:

Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas. A ciência contentou-se em estender a mão à religião, com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficaram à beira de uma revolução.⁴⁹

Em um misto de comicidade e comiseração, Dr. Bacamarte sente-se tão confiante em seus métodos, tão seguro diante do discurso tradicional, que não diz palavra ao interlocutor, esboçando apenas intenção de sorrir. O gesto altivo da ciência ao estender a mão à religião, sem receios ou acusações, indica que a autoridade de uma escapava em detrimento da outra, e a tal ponto, que o padre não mais sabia em qual discurso fiar-se. Diante do cogito moderno, a fé duvidava de si mesma, deixando “Itaguaí e o universo à beira de uma revolução”.

A ironia que reúne e contrasta Itaguaí ao universo, a província escravista e a revolução moderna, é particularmente explícita na frase destacada (“Itaguaí e o universo ficaram à beira de uma revolução”) e dá o tom em todo o decorrer do texto, tomando forma, por vezes, de uma crítica tão amarga quanto ridicularizante. Tradição brasileira (no contexto das fronteiras provincianas de uma cidade colonial,

48. Assis, *O alienista* 48–49.

49. Assis, *O alienista* 49.

religiosa, supersticiosa, escravista)⁵⁰ e modernidade científica (desconhecadora de fronteiras, universalizante) contrapõem-se e interagem, entre choques, conflitos e (re) apropriações autoritárias, combinando elementos nacionais e cosmopolitas, sob a mordacidade machadiana. O fato de a trama passar-se nos tempos da colônia, e numa pequena cidade, reforça, segundo acreditamos, a ironia e o contraste.

5 Plus Ultra! Alienado alienista

O trecho que narra o colocar em prática da nova teoria recebe o título de Terror. Como um Robespierre da ciência, Bacamarte comanda sua “revolução” a mãos de ferro, suscitando a rebelião popular dos Canjicas, paródia da agitação revolucionária francesa.

Para expandir “o oceano da razão”, como nos referimos, o médico persegue e encarcera suspeitos de loucura, identificando, em idiossincrasias, indícios perigosos, contrários ao “perfeito equilíbrio das faculdades mentais”. Pessoas que apresentassem, em seu comportamento, traços de vaidade, covardia, oportunismo, bajulação, auto-deslumbramento ou prodigalidade, aquelas que mentissem, que se mostrassem corruptas ou corruptíveis – todas seriam encaminhadas à Casa Verde, taxadas como doentes mentais e submetidas a tratamento. Neste sentido, podemos dizer que não era permitido “pecar” na Itaguá do alienista, uma vez que “seu sistema” não reconhecia falhas.

Quando quatro quintos da população encontrava-se internada, porém, algo despertou a atenção de Bacamarte para um possível engano teórico. Os números fizeram-no “examinar os fundamentos de sua teoria das moléstias cerebrais”⁵¹; isto é – questões quantitativas interferiram na teoria, “revirando” os fundamentos e a prática. O doutor resolveu assim inverter a lógica da alienação. Ao contrário do que supusera no momento anterior, a normalidade não estaria no “perfeito equilíbrio”, mas no “perfeito desequilíbrio” das faculdades mentais.

Assim, seguiria o alienista insistindo em fazer do ser humano tabula rasa: ou o perfeito equilíbrio das faculdades, todas as virtudes exigidas; ou perfeito desequilíbrio, nenhuma virtude permitida. As ambivalências, zonas cinzentas, a multiplicidade humanas não cabiam em “seu sistema”, sendo dele excluídas.

50. Entre as reviravoltas teórico-metodológicas aplicadas pelo alienista, um homem chamado Costa, que gastara fortuna emprestando dinheiro sem cobrar seus credores, torna-se vítima de internação na Casa Verde. Sua prima procura interceder por ele junto ao cientista, explicando que o comportamento do parente estava ligado a uma maldição, uma praga lançada sobre a família: “Se ele gastou tão depressa o que recebeu a culpa não é dele. [...] Eu lhe digo como o negócio se passou. O defunto meu tio não era mau homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo. Ora, um dia, pouco antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubara um boi; imagine como ficou. A cara era um pimentão, a boca escumava [...]. Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio (Deus lhe fale n’alma!) respondeu que fosse beber no rio do inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: - todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isso ser o *sino salomão!* E mostrou o *sino salomão* impresso no braço. Foi isso meu senhor; foi esta praga daquele maldito”. Fúria, desmando e orgulho senhoriais; escravidão; o associar de um homem pobre (“em mangas de camisa”) à imagem encarnada da feiura; religiosidade; superstição; tradição — tudo isto contrapondo-se a, e contestando o, discurso científico sustentado por Simão Bacamarte. A prima do Costa seria então imediatamente internada na Casa Verde — mais precisamente, na “galeria dos alucinados”. Assis, *O Alienista* 50-51.

51. Assis, *O Alienista* 71.

Se longa fora a lista de “pecadores” internados como doentes mentais, bem mais curta seria a lista de virtuosos, dotados do “perfeito e absoluto equilíbrio das faculdades”: em cinco meses de caçada, o cientista descobriria apenas dezoito “doentes da alma”.⁵² Curto, além disso, seria o tratamento, bastando algumas “tentações”, engenhosamente elaboradas pelo alienista, para curar, ou desvirtuar, a nova categoria de internos, restituindo-lhes o devido “desequilíbrio”. Cinco meses e meio de terapêutica e não restaria mais nenhum paciente na Casa Verde.⁵³

Era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral [...], Simão cuidou de atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto [...], às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir à razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhante, às distinções honoríficas, etc.⁵⁴

É realmente cômica a astúcia do alienista, que, pela primeira vez ao longo da narrativa, dá provas de ser, de fato, um bom conhecedor da “alma humana”. As virtudes demonstram-se facilmente corruptíveis; bastariam alguns ardis simples, mesmo pueris. “Tal era o sistema. [...] Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida”.⁵⁵ As bases morais da modéstia, por exemplo, seriam implodidas por casacas, fitas, bengalas, objetos tolos – capazes, não obstante, de exercer forte apelo sobre o orgulho e a vaidade dos supostos enfermos, e de mandar pelos ares os pontos mais sólidos das “perfeições morais”. Através da aplicação do novo método, a Casa Verde ficaria, em pouco tempo, despovoada.

Diante do sucesso, porém, o médico não consideraria a tarefa por encerrada: algo parecia esperar por ser descoberto. Haveria sempre espaço para novas dúvidas, novas incursões, metodologias e descobertas na ciência moderna: *Plus Ultra!*⁵⁶ –eis a máxima do cientista. “Alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, uma novíssima teoria”.⁵⁷ Então, um novo objetivo e um novo desafio seriam propostos: “Vejamos; pensava ele, se chego enfim à última verdade”.⁵⁸

Cogitativo, “estranho a todas as coisas que não fosse o tenebroso problema da patologia cerebral”⁵⁹, o sábio passeava por sua biblioteca, “a mais rica dos domínios ultramarinhos de Sua Majestade”.⁶⁰ A idéia fixa não o abandonava; o desejo incon-

52. Assis, *O Alienista* 71.

53. Assis, *O Alienista* 71.

54. Assis, *O Alienista* 77.

55. Assis, *O Alienista* 78.

56. “Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. *Plus Ultra!* era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a verdadeira teoria da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus Ultra!* Não ficou alegre [...]”. Assis 79-80.

57. Assis, *O Alienista* 79.

58. Assis, *O Alienista* 79.

59. Assis 79.

60. Assis 79.

formado de chegar à “verdade última” o fazia questionar –teria curado ou apenas descoberto o “perfeito desequilíbrio das faculdades”? E seguia Simão tirando uma idéia de dentro da outra, “cavando por aí abaixo”⁶¹ até chegar às últimas, às mais ocultas verdades. Mais e mais fundo, o bom homem da ciência atolar-se-ia em cogitações, assolado pela “idéia da dúvida,”⁶² pelo motor e o método mesmo do cogito moderno: “–Pois quê! Itaguaí não possuiria nenhum cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?”⁶³

Aqui, pela primeira vez, o absoluto figura suspeito ao doutor, o “perfeito” pareceu-lhe duvidoso. *Plus Ultra!* – e então desabaria a “tempestade moral”:

A aflição do egrégio Simão Bacamarte é definida pelos cronistas itaguaienses como uma das mais medonhas tempestades morais que têm desabado sobre o homem. Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijam-se contra ela e fitam o trovão. Vinte minutos depois alumiu-se na fisionomia do alienista uma suave claridade.

E mais uma idéia foi sacada das anteriores: “[...] achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, o vigor moral, a lealdade, e todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto”.⁶⁴

Duvidando logo desta hipótese –a dúvida aqui é metódica, é moderna– o cientista acha prudente comprová-la.⁶⁵ Convoca os amigos e os interroga –“nenhum defeito; nenhum vício; tudo perfeito?” A confirmação veio unânime e o padre Lopes ainda fez notar que, entre as qualidades do alienista, destacava-se a modéstia.

Mais alegre que triste, rendeu-se Bacamarte a –ainda!– uma nova doutrina, reunindo em si “a teoria e a prática”.⁶⁶ Com “os olhos acesos de convicção científica”⁶⁷, o doutor recolheu-se, sozinho, à Casa Verde, onde se pôs a estudar, buscando curar a si próprio. Em pouco mais de um ano, porém, faleceu o alienista, sem ter encontrado a “cura”, sem ter chegado à “última verdade,” às “causas primeiras” ou aos “fundamentos”.

Bacamarte terminaria, assim, condenado. A alienação final do cientista itaguaiense, provinciano e cosmopolita, brasileiro e “europeu”, pode ser interpretada como uma investida crítica, cômica e irônica, por parte de Machado, diante das esperanças das elites modernizantes brasileiras no sentido de promover a “ordem” e o “progresso”. Diante do ideal universal, de que vale a concretude histórica do

61. Assis 79

62. Assis 79.

63. Assis 79–80.

64. Assis 80.

65. “Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, quem interrogou com franqueza”. Assis 80.

66. “Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre que triste. [...] – A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática”. Assis 80.

67. Assis 81.

passado colonial, do presente escravista a ser abolido num futuro próximo? “Diante do ideal, de que valem as misérias humanas num sentido mais amplo, dentro e fora do país? Podemos perceber assim as desconfianças e o olhar crítico machadiano diante de processos e discursos de modernização oitocentistas, ou, de forma mais específica, diante do cientificismo, não raro autoritário e excludente, em voga entre as elites modernizantes brasileiras em fins do século XIX.

Bibliografia

- Alonso, Ângela. *Idéias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- Assis, J. Machado de. *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Obra Completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____. *Esau e Jacó; Memorial de Aires*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- _____. *Quincas Borba*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ed. FTD, 1992.
- Berman, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Candido, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- Chalhoub, Sidney. *Cidade febril: conflitos e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia. das Letras , 2003.
- _____. “Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis”. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Org. Sidney Chalhoub. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- Engel, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Os delírios da razão: médicos, louco e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- Faoro, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- Gledson, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- Koyré, Alexander. *Du monde clos à l'univers infini*. Paris: Gallimard, 2007.
- Romero, Silvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.
- _____. *Literatura, história e crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Schwarz, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- Schwarz, Roberto. *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- Soihet, Rachel. *A subversão pelo riso. Estudo sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Ventura, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.